



**HISTÓRIA E ORIGENS**  
**DA**  
**FREGUESIA DO NADADOIRO**  
**E**  
**ÁREAS ENVOLVENTES**

Ofereço à Junta de  
Freguesia do Nadasdous,  
na pessoa do seu Presi-  
dente, Francisco Daniel,  
podendo ser utilizado  
para os fins julgados  
por convenientes.

Júlio Artur

Oficina  
Freguesia  
nr 9222  
Lent  
pobres  
par  
por

*Este trabalho foi elaborado por Júlio Artur Gonçalo José, e é o resultado de várias horas de investigação no Arquivo Nacional – Torre do Tombo, consulta de vários outros documentos, e ainda alguma colaboração da Junta da Freguesia.*

*Foi concluído em 30 de Setembro de 2000*

O autor propôs-se efectuar este trabalho, investigando as origens desta terra e o aparecimento do seu nome, verificando que seria interessante analisar também as suas áreas envolventes, pois que aparece ligada a mais do que uma delas em épocas diferentes.

Quanto ao nascimento do lugar do Nadadouro, não se conseguiu saber qual a sua data aproximada, mas parece poder concluir-se que terá sido ainda antes da criação de Caldas da Rainha, pelo menos, da vila das Caldas fundada pela Rainha D. Leonor, pois que, antes disso, aquele local terá sido chamado *caldas* de Óbidos, onde já eram utilizadas as propriedades medicinais daquelas águas, existindo a confraria do Espírito Santo para dar apoio aos doentes, com sede na ermida do Espírito Santo, que ainda hoje existe no Largo João de Deus.

A palavra *caldas* aparece escrita com letra minúscula, porque, como é sabido, significa nascente de águas quentes, indicando aqui o sítio onde nascem as águas: *caldas* de Óbidos, visto este local pertencer na época ao concelho de Óbidos.

Óbidos é muito mais antiga, pois aparecem documentos a dizer que terá sido fundada pelos celtas por volta dos séculos IV-III AC (Antes de Cristo).

Nadadouro aparece como um lugar da freguesia de S. Pedro, no concelho de Óbidos, parecendo poder-se então concluir que poderá ter existido mesmo antes de Caldas da Rainha ter nascido.

Já que falamos de Caldas da Rainha, vamos continuar com um breve resumo da sua história, visto o Nadadouro pertencer ao seu concelho, e estar portanto nele inserido.



FIGURA 1 - Ermita do Espírito Santo

A lenda da fundação das Caldas da Rainha pela Rainha D. Leonor, mulher de D. João II, aparece escrita em vários documentos, não coincidindo todos eles, principalmente com as datas. Podemos no entanto usar uma das datas como sendo aproximada, pois elas não se afastam muito umas das outras.

Seria por volta de 1487, quando a Rainha ia de Óbidos para Alcobaça, - há documentos que dizem que ia para a Batalha - ao passar pelo sítio da Copa, nas *caldas* de Óbidos, viu uns doentes a banharem-se num charco e lhes perguntou porque o faziam. Eles disseram-lhe que era porque aquelas águas curavam muitas enfermidades. Ela, que padecia de um peito, fez a experiência e tendo-se

achado facilmente curada mandou logo construir um padrão comemorativo, do qual ainda hoje se encontram vestígios.



FIGURA 2 - Hospital Termal

No ano seguinte, portanto em 1488, a Rainha mandou construir um hospital, no qual aplicou todas as suas rendas, e até vendeu para isso todas as suas jóias. Foi este estabelecimento que deu origem à criação da vila das Caldas da Rainha

O Rei, a pedido da Rainha, mandou construir um lugar para 30 moradores, dando-lhe foro de vila. Em 1490 foi feita a primeira demarcação da vila, sendo aquele lugar retirado do concelho de Óbidos, juntamente com outras pequenas áreas de Tornada, Coto, Serra do Bouro e Nadadouro, que passou a chamar-se Caldas da Rainha.

Assim surgiu a pequena vila com uma área de cerca de meia légua em redor do sítio dos banhos. No entanto, só em 21 de Março de 1511, por carta régia de D. Manuel I, é que foi oficialmente reconhecida como vila.

D. João II morreu envenenado a 25 de Outubro de 1495, antes do Hospital estar concluído.

Paralelamente, a Rainha mandou construir a Igreja Matriz, chamada Nossa Senhora do Pópulo, também iniciada por volta de 1488. Em 1495 a Rainha D. Leonor obteve do Papa Alexandre VI, o consentimento para a Igreja ser fundada, ficando concluída em 1508, mas as suas obras continuaram até 1512.



FIGURA 3 - Igreja de Nossa Senhora do Pópulo

Foi este o nome, Nossa Senhora do Pópulo, que foi dado à primeira freguesia das Caldas da Rainha, e que

ainda hoje o mantém, tendo sido a única freguesia da área urbana durante muitos anos.

A igreja matriz foi reedificada com grande sumptuosidade por D. João V, pelos anos de 1740. Este rei também reconstruiu e ampliou o Hospital. Comprou várias moradias de casas que foram demolidas para esse efeito. Os trabalhos de remodelação da obra antiga começaram em 1747, tendo o Hospital ficado concluído em 1750.



FIGURA 4 - Casa da Câmara

Foram também demolidas para o mesmo fim, a casa da câmara e a cadeia. D. João V, mandou-os fazer de novo no rossio da vila, com muitos melhoramentos, onde estiveram a funcionar os Paços do Concelho até à recente mudança para o novo edifício, junto ao tribunal.

Durante 13 anos sucessivos, D. João V, a Família Real e a Côrte, fizeram uso destes banhos, dando grande incremento e prosperidade à vila. Naquela época, os banhos abriam em princípio de Maio e fechavam em fins de Setembro. Em 1757, a vila tinha 308 fogos. Na estação dos banhos havia gente de todas as povoações do reino, sobretudo de Lisboa. A Rainha fundadora deixou rendas para curarem 600 pobres. A água que sai do Hospital rega e moe e por fim vai entrar na Lagoa de Óbidos.

A primeira igreja da vila, foi a Capela do Espírito Santo. A igreja de S. Sebastião foi aberta ao culto em fins do Século XV, e a igreja de Nossa Senhora do Rosário foi em 1591. Em finais do século XVI Caldas da Rainha tinha 6 igrejas abertas ao culto: Espírito Santo, S. Silvestre, S. Sebastião, S. Bartolomeu, Nossa Senhora do Pópulo e Nossa Senhora do Rosário.

Os terrenos da vila eram pouco férteis, mas havia sempre abundância porque concorriam ali géneros de muitas léguas de distância, sobretudo frutos, hortaliças e legumes vindos das mediações de Alcobaça, galinhas, ovos e caça, de várias partes, e pescado, da Lagoa de Óbidos, da Nazaré e Peniche.



FIGURA 5 - Praça da Fruta

O primeiro brasão de armas da vila, dado pela Rainha D. Leonor, era o mesmo de Óbidos, de onde pertencia, e que era simplesmente o escudo real.

Estando D. João II e a Rainha, com seu único filho, D. Afonso e a sua desposada princesa, D. Isabel, filha dos reis católicos de Espanha, Fernando e Isabel, em

Santarém, caiu o príncipe do cavalo abaixo, nas margens do Tejo, a 12 de Julho de 1491. Ficou sem sentidos e foi levado numa rede para a casa de um pescador que morava próximo. Mas, apesar dos mais prontos socorros, o príncipe morreu sem tornar a falar.

Desde então, a Rainha aumentou a todas as suas vilas, em memória deste triste acontecimento, uma rede e um pelicano, que era a divisa ou emblema de seu esposo. O brasão da vila passa assim a ser:

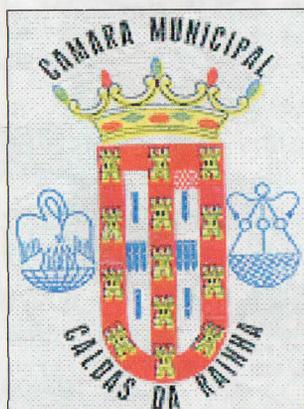


FIGURA 6 - Brasão das Caldas da Rainha

Um escudo de púrpura, tendo no centro dois escudetes paralelos brancos com cinco escudetes azuis, pequenos e em cruz, cada um. Os cinco escudetes têm cada um cinco bezantes brancos em aspa, (como os das armas de Portugal, mas duplicados), e sobre o escudo, doze castelos de ouro em três linhas paralelas, de quatro cada uma, ficando os quatro do centro, no intervalo (púrpura)

que divide os escudetes brancos. Na realidade, analisando a figura 6, verifica-se que ao centro, em vez de 4 aparecem 5 castelos sem que para isso se encontre uma explicação. Este escudo é metido em ouro branco, e de um lado tem uma rede e do outro um pelicano, sustentando os filhos com o seu sangue. O escudo branco tem sobre ele uma coroa aberta, como a dos duques.

Naquela época não havia água ao domicílio e por isso foi necessário construir chafarizes para abastecimento da população. Em 1 de Setembro de 1748 deu-se início à



FIGURA 7 - Chafariz das 5 bicas

construção de 3 chafarizes na vila, que ficaram concluídos em 31 de Janeiro de 1751, mas todos têm a data de 1749.

Durante a década de 1740, além da reedificação do Hospital, construção da Casa da Câmara e três chafarizes, foram renovadas as igrejas de Nossa Senhora do Pópulo, Nossa Senhora do Rosário, S. Sebastião e a ermida do Espírito Santo.

Até 1835, Caldas da Rainha manteve-se dentro dos limites fixados em 1490 e reconhecidos por D. Manuel pela sua Carta Régia de 1511, com a única freguesia de Nossa Senhora do Pópulo. Em 1836 Caldas da Rainha é promovida a sede de um concelho com oito freguesias que são:

- Caldas da Rainha (Nossa Senhora do Pópulo), Alvorninha, Carvalhal Benfeito, Coto, Tornada, S. Catarina, Vidais e Salir de Matos. Nessa altura, Nadadouro pertencia à freguesia de S. Pedro, no concelho de Óbidos, assim como as freguesias de Serra do Bouro e Salir do Porto, que também pertenciam ao mesmo concelho. Em 1836, a freguesia de Serra do Bouro, possivelmente integrando o lugar da Foz do Arelho, e a freguesia de Salir do Porto passam a pertencer ao concelho de S. Martinho do Porto.

Em 1855 dá-se nova reforma administrativa e S. Martinho do Porto perde a categoria de concelho. Assim, Serra do Bouro e Salir do Porto passam ao concelho de Caldas da Rainha e S. Martinho para Alcobaça, ficando a partir desta altura o concelho de Caldas da Rainha a ser constituído por 10 freguesias. Possivelmente teria sido nesta data que o Nadadouro deixou de pertencer à freguesia de S. Pedro no concelho de Óbidos, para se integrar na freguesia da Serra do Bouro e passar a pertencer ao concelho de Caldas da Rainha. No entanto, na Corografia Moderna do Reino de Portugal de 1876, ainda aparece o lugar de Nada d'Oiro ou Nada d'Ouro como fazendo parte da freguesia de S. Pedro no concelho de Óbidos, e na freguesia da Serra do Bouro, já no

concelho de Caldas da Rainha, aparece o lugar da Foz do Arelho mas não aparece o lugar do Nadadouro.

Desde 1855 e até 1898 houve várias alterações, mas a partir desta data as fronteiras do concelho mantiveram-se inalteráveis.

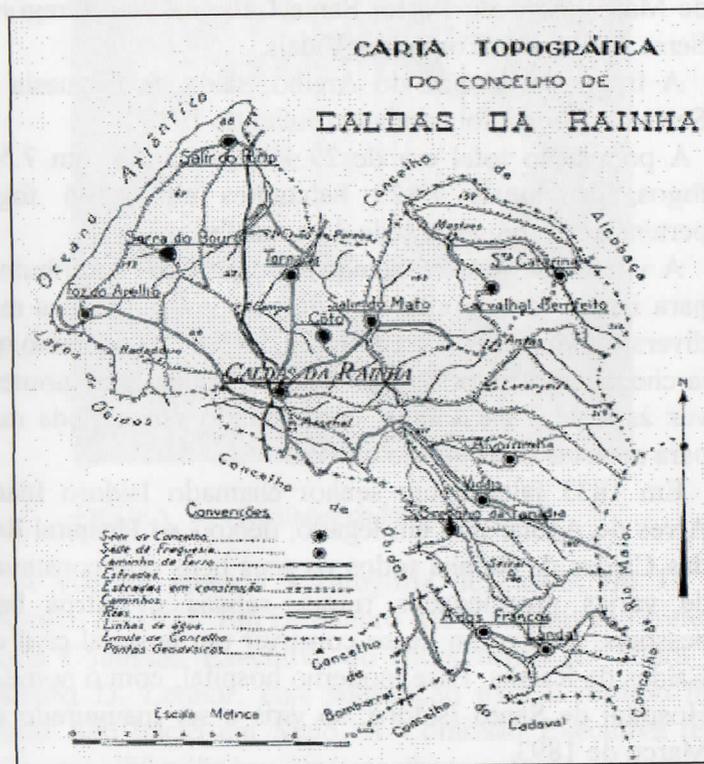


FIGURA 8 - Carta topográfica do concelho de caldas da Rainha

Por volta dos anos 20 deste século e de acordo com a Carta Cartográfica apresentada na figura 8, o concelho

apresentava uma área de 254 quilómetros quadrados, distribuídos por 14 freguesias, que eram as seguintes, por ordem alfabética:

A-dos-Francos, Alvorninha, Carvalhal Benfeito, Coto, Foz do Arelho, Landal, Nossa Senhora do Pópulo, Salir de Matos, Salir do Porto, Santa Catarina, São Gregório, Serra do Bouro, Tornada e Vidais.

A freguesia da Foz do Arelho, saída da freguesia da Serra do Bouro, foi criada em Julho de 1919.

A população total era de 29.414 habitantes, em 7.575 fogos, dos quais 7.829 habitantes em 2.185 fogos pertenciam à freguesia sede do concelho.

A vila foi-se desenvolvendo a bom ritmo, contribuindo para isso a grande afluência de pessoas vindas das mais diversas partes do país. Em Julho de 1887, o combóio que já chegava a Torres Vedras, chega também pela primeira vez às Caldas da Rainha, contribuindo assim ainda mais para acelerar o progresso da vila.

Em 1833 faleceu um senhor chamado Isidoro Inácio Alves de Aguiar que em legado, deixou ao Hospital Real das Caldas da Rainha todos os seus bens que constavam de várias propriedades rurais, salinas e outros bens pessoais, com o fim de se construir um hospital civil em Caldas da Rainha. Esse moderno hospital, com o nome de Hospital de Santo Isidoro, só viria a ser inaugurado em Março de 1893.

O Parque das Caldas, a que foi dado o nome de Parque D. Carlos I, foi inaugurado em 1891. O imponente edifício nele inserido e designado por “Pavilhões do Parque”, foi construído na mesma época para servir de anexo ao Hospital Termal, mas nunca funcionou como tal,

vindo mais tarde a ser nele instalado o Regimento de Infantaria nº 5.

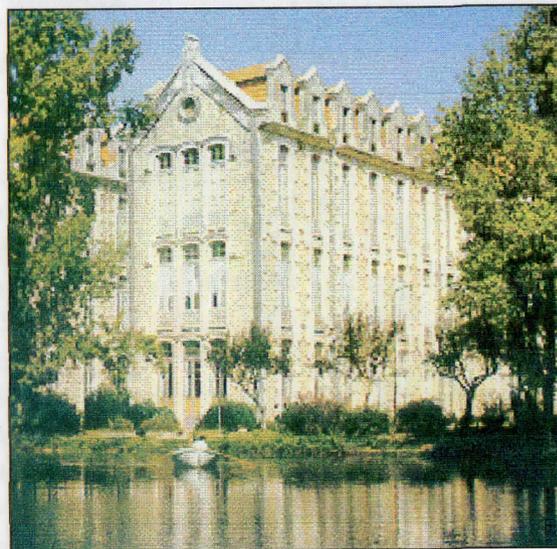


FIGURA 9 - Pavilhões do Parque

A vila foi elevada à categoria de cidade em 11 de Agosto de 1927. Em Dezembro desse mesmo ano é eleita uma Comissão Executiva do Monumento em honra da Rainha D. Leonor, cuja subscrição para o mesmo fim, tinha tido início em Maio. A Comissão Executiva teve algumas dificuldades em escolher o local onde seria instalado o Monumento à Rainha. Tendo sido indicados inicialmente o Borlão e a Praça da República, foi decidido por fim o Largo Conde Fontalva. A estátua, da autoria de

Francisco Franco, foi inaugurada em 15 de Setembro de 1935.

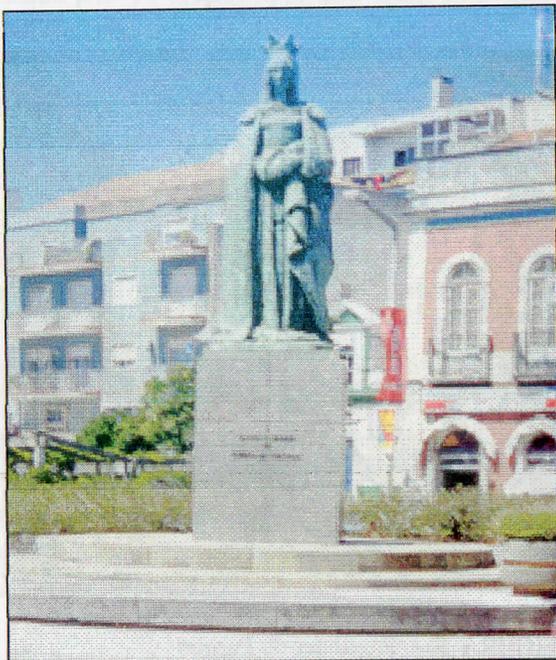


FIGURA 10 - Estátua da Rainha D. Leonor

O fornecimento de água ao domicílio é iniciado ainda antes de Caldas da Rainha ter sido elevada a cidade. Foi em 30 de Janeiro de 1927 que foram anunciados os primeiros contratos de fornecimento de água. Também nessa altura foi aberta a inscrição para a instalação da rede telefónica inter-urbana.

No ano de 1860 foi criada a Associação de Socorros Mútuos Rainha D. Leonor (Montepio). Só mais tarde, em

7 de Dezembro de 1931, seria inaugurado o edifício do Montepio.

A cerca de 2 Km do Hospital Termal, na estrada da Foz do Arelho, há o balneário das *Águas Santas*, águas também com qualidades terapêuticas, embora diferentes das do sítio da Copa, mas que não estão a ser utilizadas.

Há também nascentes de águas termais da mesma natureza das de Caldas da Rainha, próximo da Quinta das Gaeiras, em Vale Flores, onde ainda existe um grande tanque para banhos.

Também aqui próximo, na cerca que foi do Convento de S. Miguel, de frades arribados, há uma outra nascente de águas termais, e ainda ali existe uma casa que foi feita para se tomarem banhos desta água. Tem um tanque, no qual se podiam banhar 12 pessoas simultaneamente.

A Quinta das Gaeiras foi antigamente anexa ao Hospital, ao qual pagava foro. A casa desta Quinta é

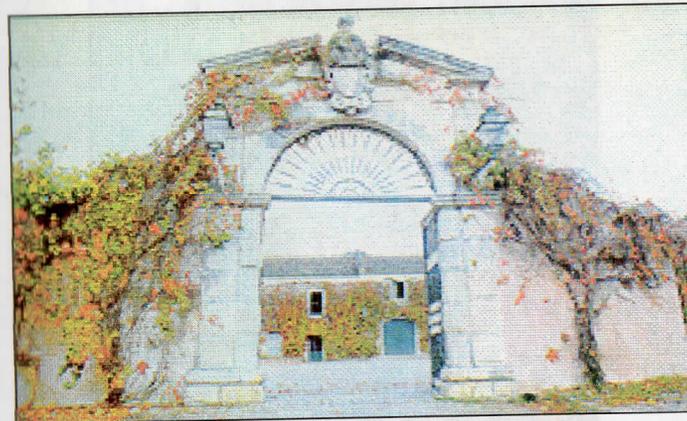


FIGURA 11 - Portão da Quinta das Gaeiras, com brasão

antiquíssima, o que é provado pela arquitectura das suas portas e janelas.

Esta Quinta chamou-se antigamente, Casal dos Mosqueiros, mas porque depois veio a pertencer a Gaspar Freire de Andrade, passou a chamar-se Quinta dos Freires. O brasão de armas dos Freires ainda existe no portão da quinta.

Grande parte das igrejas existentes na vila foram demolidas devido ao progresso e para criar espaços, ficando apenas, além da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pópulo, a igreja de S. Sebastião, próximo da Praça da República, e a ermida do Espírito Santo, no Largo João de Deus.



FIGURA 12 - Igreja de Nossa Senhora da Conceição

Com o aumento da população, estas igrejas tornaram-se insuficientes para acolher todos os crentes. Em Agosto de 1950 deu-se início à construção da nova igreja das Caldas, que foi inaugurada no dia 21 de Outubro de 1951, com o nome de Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

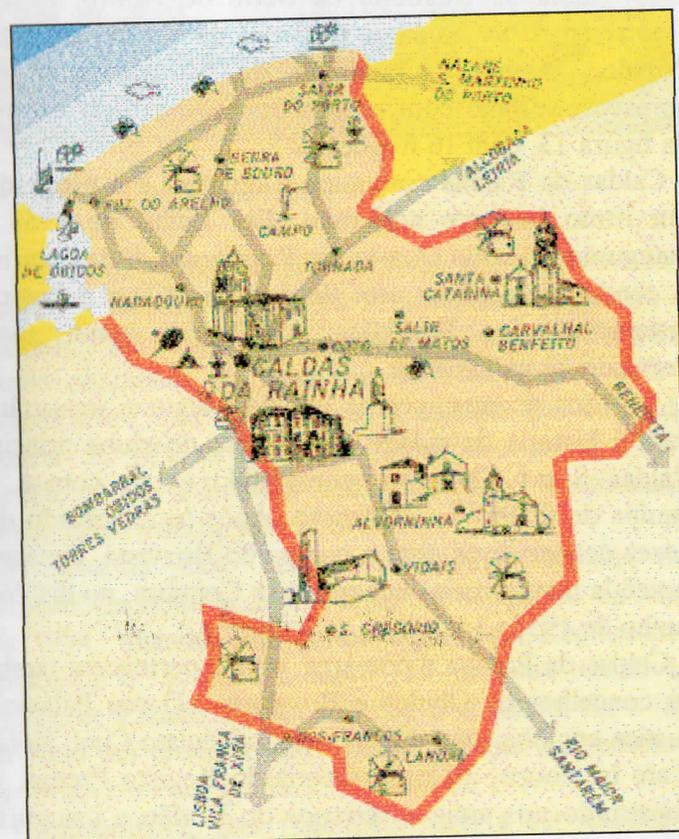


FIGURA 13 - Mapa actual do concelho de Caldas da Rainha

Neste momento só a Igreja de Nossa Senhora do Pópulo e a Igreja de Nossa Senhora da Conceição é que se encontram abertas ao culto.

Ainda dentro dos mesmos limites do concelho, foram criadas mais duas freguesias, Nadadouro em Dezembro de 1957, saída da freguesia de Serra do Bouro, e Santo Onofre em 1984, saída da freguesia de Nossa Senhora do Pópulo. Assim, o concelho de Caldas da Rainha apresenta-se hoje com a composição mostrada no mapa da figura 13, com 16 freguesias.

Caldas da Rainha continuou a crescer e a progredir a um ritmo bastante acelerado. Em Junho de 1953 foi inaugurado o novo Quartel do Regimento de Infantaria nº 5, tendo nessa altura este Regimento Militar deixado as instalações dos Pavilhões do Parque aonde estava instalado há vários anos.

Um dos acontecimentos que tem alguma importância para a história da cidade, foi o facto do clube principal, Caldas Sport Clube ter conseguido entrar com a sua equipa de futebol na 1ª divisão. Após ter empatado duas vezes consecutivas com a equipa do Boavista, conseguiu vencê-la num terceiro encontro em Coimbra, no dia 26 de Junho de 1955.

Caldas da Rainha é comarca, aonde pertencem também os concelhos de Óbidos e Bombarral. O seu Palácio de Justiça engloba além do Tribunal, o Registo Civil, Notário e até há pouco, a Conservatória do Registo Predial. Foi construído nos antigos terrenos do Borlão e inaugurado em 1 de Dezembro de 1959.



FIGURA 14 - Palácio de Justiça

Em 24 de Março de 1969, o Engenheiro Paiva e Sousa sucede a Botelho Moniz na Presidência da Câmara das Caldas. Este homem foi de grande importância para o desenvolvimento da freguesia do Nadadouro, pois foi graças a ele que se construiu a estrada que circunda a Lagoa de Óbidos desde o Nadadouro até à Foz do Arelho, e daí a Estrada Atlântica, que é a continuação desta, até S. Martinho do Porto.

A história das Caldas da Rainha também ficou enriquecida com os acontecimentos do dia 16 de Março de 1974, quando uma coluna militar do Regimento de Infantaria nº 5, marcha sobre Lisboa numa tentativa de Golpe de Estado. Embora tivesse fracassado, foi o início de todo um processo que viria a derrubar a ditadura que governava o País, no dia 25 de abril de 1974.

Curiosamente, este regimento viria a ser extinto em Outubro de 1981, e em sua substituição foi criada a Escola de Sargentos do Exército.

Em Novembro de 1974, foi nomeada uma Comissão Administrativa para a Câmara e Manuel de Oliveira Perpétua sucede ao Engenheiro Paiva e Sousa na presidência da Câmara. Este Engenheiro voltaria mais tarde à frente dos destinos da cidade, em resultado de eleições autárquicas, tendo falecido no exercício das suas funções.



FIGURA 15 - Novo Edifício dos Paços do Concelho

A cidade continuou a crescer e a Câmara Municipal já não conseguia agrupar todos os seus Serviços no edifício dos Paços do Concelho. Assim, sob a presidência do Dr. Fernando Costa, a Câmara decidiu construir um novo edifício onde pudessem funcionar todos os seus serviços. Esse edifício foi construído junto ao Tribunal e à Igreja de

Nossa Senhora da Conceição, na Praça 25 de Abril, e foi inaugurado em 15 de Maio de 1992.

Como o Nadadouro esteve durante muitos anos integrado na freguesia de Serra do Bouro, passamos agora a fazer um breve resumo histórico desta freguesia.

É uma freguesia muito antiga. Em todos os documentos consultados não aparece nenhuma indicação sobre a data da sua criação. Pertence ao concelho de Caldas da Rainha, mas já pertenceu ao concelho de Óbidos até 1836, data em que passou para o concelho de S. Martinho do Porto, e em 1855, com a extinção deste concelho, passou então para o concelho de Caldas da Rainha. A sua Igreja Matriz é muito antiga e bonita, com o nome de Nossa Senhora dos Mártires. O seu portal é do estilo

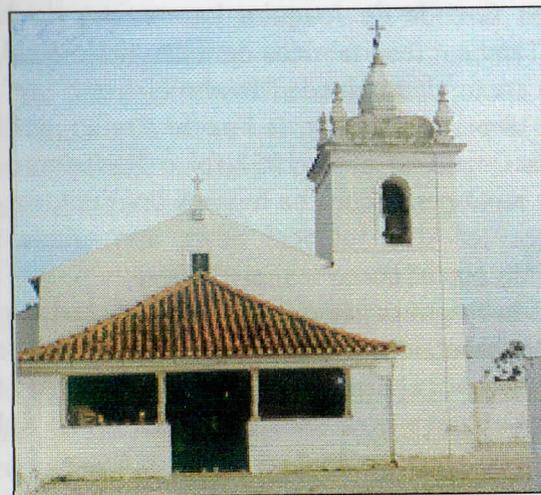


FIGURA 16 - Igreja de Nossa Senhora dos Mártires

manuelino e a torre barroca. Tem uma galilé em forma de apêndice que serve de protecção às pessoas quando a chuva estraga as romarias ou o sol queima os corpos.

Segundo a lenda, a imagem da sua padroeira, Nossa Senhora dos Mártires, apareceu na costa do mar, a três quilómetros da igreja, entre umas rochas. Nesse mesmo sítio rebentou uma fonte de excelente água potável, à qual se dá o nome de Fonte Santa, pelas milagrosas virtudes terapêuticas que lhe atribuem. A esta fonte vinham muitas pessoas para levar água como remédio de várias enfermidades.

José Vicente Pavão registou em 1875 uma mina de cobre e outros metais que achou nesta freguesia. Em Maio do mesmo ano, Duarte Mansos Madaíl, registou outra mina de cobre, ferro, enxofre e outros metais, situada na fazenda de Joaquim Laurentino, do lugar da Cidade. Também teve fábricas de telha, tijolo e cal, e uma mina de carvão, denominada Moinho Novo.

Em 1919 perdeu o lugar da Foz do Arelho, por ter sido elevado a freguesia, e em 1957 foi o Nadadouro que se destacou juntamente com os lugares do Touguio e Casal Novo, por ter sido também nesse ano criada a nova freguesia do Nadadouro.

Assim, da freguesia de Serra do Bouro fazem parte os lugares de Cabeço da Vela, Casais da Boavista, Casais da Cidade, Casais da Espinheira, Casal do Ceilão, Cidade, Espinheira, Granja e Zambujeiro. Em 1981 tinha 404 fogos com 667 habitantes.

No cemitério, junto à igreja, existe um talhão denominado Cemitério dos Ingleses, onde estão sepultados alguns corpos de ingleses encontrados na

praia, devido ao naufrágio do navio inglês chamado "Roumania", que encalhou em 1892 numa zona conhecida por Vale Janelas, próximo da praia da Foz do Arelho,

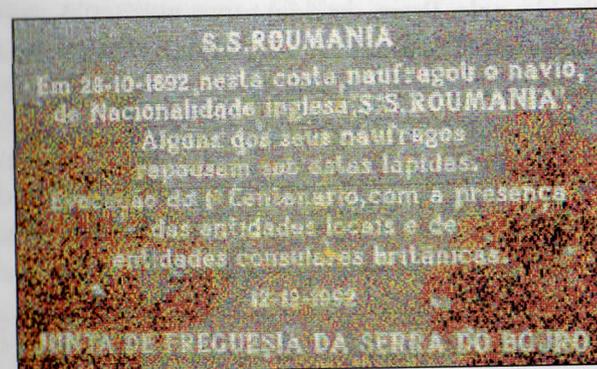


FIGURA - 17 - Placa comemorativa do I Centenário

numa noite de nevoeiro.

No dia 12 de Dezembro de 1992 foi colocada uma lápide alusiva a este acontecimento, por altura do primeiro centenário, com a presença de entidades locais e consulares britânicas.

Da Foz do Arelho, pouco se conseguiu saber. O seu nome deriva do antigo rio Arelho, hoje denominado rio Real, que vai desaguar na Lagoa de Óbidos, ou também da própria lagoa, que parece ter-se já chamado Lagoa do Arelho. A sua padroeira é Nossa Senhora da Conceição. Aparece também mencionado que a Foz do Arelho tinha uma ermida de S. António, sendo possivelmente a capela do INATEL, que foi propriedade de Francisco Grandela.

A sua praia é muito antiga, tradicionalmente usada pelos caldenses, mas hoje muito frequentada pela população das redondezas, e também por alguns turistas estrangeiros. É constituída pela Praia do Mar, que apresenta excelentes condições para “surfistas”, e ainda a Praia da Lagoa, de uma grande beleza, e óptima para crianças, com recantos que mais parecem autênticas piscinas.

Fora da época banhar, a Praia do Mar tem a beleza da Natureza, manifestada num imenso areal, batido por grossas ondas, que ora brilham em tons azuis e prateados, ora se revolvem em cinzento-acastanhado sob a chuva.



FIGURA - 18 - Praia da Foz do Arelho

Subir ao monte do Facho, é um passeio obrigatório, de onde se aprecia uma paisagem extraordinária, podendo-se observar, em dias claros, as Ilhas das Berlengas e o Cabo Carvoeiro em Peniche.

Nos fins do Século XIX, por volta do ano de 1897, Francisco Almeida Grandela, o famoso fundador dos Armazéns Grandela, descobriu a Foz do Arelho quando frequentava as termas das Caldas.

Este grande homem e benemérito, nasceu em Aveiras de Cima, concelho de Azambuja, em 1853. Começou a trabalhar em Lisboa como marçano, com 12 anos de idade, e além de erguer os Grandes Armazéns com o seu nome, fundou fábricas de fiação e mobiliário. Criou vilas operárias com habitações e escolas, por considerar serem a habitação e a educação, as grandes vias de promoção do operariado.

Republicano convicto, participou na Comissão de Resistência que ajudou a preparar a Revolução Republicana de 1910.



FIGURA - 19 - Capela do INATEL

Depois de descobrir a Foz do Arelho, ficou de tal modo deslumbrado com a paisagem, que logo quis adquirir um terreno na localidade. Para isso tornou-se foreiro de um terreno da Quinta da Foz, propriedade de Francisco Paiva Magalhães de Vasconcelos Bernardes, que era dono naquela altura, de praticamente toda a área entre a povoação e o mar.

Nessa propriedade adquirida por Grandela à Quinta da Foz, existia uma pequena capela, que foi adaptada por Grandela para servir de Casa do Povo, que ele inaugurou em 1912. Este pequeno templo é presentemente a capela do INATEL.



FIGURA - 20 - Prédio do Conde

Em Fevereiro de 1898 escreveu a Paiva de Magalhães pedindo autorização para fazer uma pequena casa junto à lagoa, num dos montes que lá existiam que parecia uma

pedreira de saibro. Nesse mesmo ano deu início à construção do seu futuro palacete, rodeado por uma muralha de ameias a delimitar toda a propriedade.. Foi a primeira casa a ser construída na Foz do Arelho por alguém vindo de fora.

A segunda, edificada logo a seguir, foi a do visconde de Almeida Araújo, existindo ainda hoje em perfeito estado de conservação, conhecida pelo prédio do Conde. O visconde também mandou construir o Posto da Guarda Fiscal e a Estação Telegráfica. Em 1909, ano em que viria a falecer, este visconde mandou construir ainda o Eden Palace Hotel, que foi inaugurado em 1910. Mais tarde, depois de Luís Grandela o ter arrendado, em 1923, viria a chamar-se Hotel do Facho.



FIGURA - 21 - Escola Primária da Foz do Arelho

Por volta de 1904, Almeida Grandela conheceu uma

senhora inglesa de nome Stella Stuart, que pouco tempo depois era sua convidada na Foz do Arelho. Durante a sua permanência na Foz, esta Senhora influenciou-o a construir escolas na região e colaborou em tarefas de alfabetização.

Enquanto as escolas não eram construídas, Grandela conseguiu que fossem enviadas várias missões de alfabetização, baseadas no método João de Deus, para a Foz, Serra do Bouro e Nadadouro.

Em 1906 deu início à construção de uma série de escolas, todas com o mesmo estilo arquitectónico. A primeira foi em Aveiras de Cima, a sua terra natal, baptizada com o nome de seu pai, Francisco Maria de Almeida Grandela. Em 21 de Agosto de 1910, foi inaugurada a Escola da Foz do Arelho, a que foi dado o nome de Bernardino Machado.

Os últimos dez anos da sua vida foram passados na Foz, afastado e solitário, como um príncipe no exílio, no seu palacete amarelo com duas torres. Coleccionou quadros e de quando em quando descia majestosamente ao parque, onde os veados lhe vinham comer a mão. Em frente estavam o mar e a Lagoa de Óbidos.

Faleceu em 20 de Setembro de 1934. O seu palacete foi vendido em 1940, transformando-se posteriormente na Colónia de Férias da FNAT "Marechal Carmona", que a partir de Abril de 74 passou a designar-se por INATEL.

Em 1960 a Foz do Arelho tinha 321 fogos e 929 habitantes. Pertenceu à freguesia da Serra do Bouro até 1919, ano em que foi criada a sua freguesia.

Por fim, antes entrarmos propriamente na história do Nadadouro, passamos um pouco pela história da vila de Óbidos.

Como já dissemos atrás, é uma vila muito antiga, e consta que foi fundada por volta dos séculos IV-III AC. Foi habitada, além de outros povos, pelos romanos e pelos mouros. Foi conquistada por D. Afonso Henriques em 1148. As suas muralhas, com 1565 metros de perímetro, estavam muito arruinadas, tendo sido mandadas reconstruir ainda por este rei, mais tarde por D. Fernando, e ainda também por D. João II.



FIGURA - 22 - Vista das muralhas de Óbidos

A Rainha D. Leonor viveu em Óbidos, curtindo as mágoas pela morte de seu filho. Faleceu em 18 de Novembro de 1525, com 67 anos de idade.

Fora da vila, mas a pouca distância, existem várias ermidas, sendo a mais notável a do Senhor da Pedra,

princiada em 1740, junta à estrada para Caldas da Rainha. É um templo sumptuoso, designado por Santuário do Senhor da Pedra. No dia 3 de Maio de cada ano, é feita a Feira de Santa Cruz, num recinto à sua volta, com arraial muito concorrido, feira de gado e quinquilharia.

Pela sua forma circular, assemelha-se ao Panteão de Roma, mandado edificar pelo Cônsul Marco Vipsano Agrippa, genro do Imperador Augusto e dedicado a todos os deuses da Mitologia.



FIGURA - 23 - Santuário do Senhor da Pedra

Este Templo foi construído em homenagem a uma Cruz de Pedra muito antiga, encontrada a cerca de 300 metros daquele local, e que se encontra no Altar-Mor, como se pode verificar na figura 24.

Na Várzea da Rainha está a ermida de Nossa Senhora do Carmo, onde antigamente esteve a paróquia de S. João Baptista. Num monte a norte, fica a capela de Santo Antão, protector dos animais, aonde é feita todos os anos, uma romaria no dia 17 de Janeiro.



FIGURA - 24 - Interior do Santuário do Senhor da Pedra

Em 1550, a Rainha D. Catarina, mulher de D. João III, contratou com a câmara e o povo de Óbidos, em fazer à

sua costa o aqueduto da Usseira, recebendo em compensação a Veiga de Óbidos, que era um baldio do município e que desde então se começou a chamar Várzea da Rainha. Tem 3 quilómetros de comprimento e é regada pelos Rios Arnóia, Rio Real e outros dois ribeiros que são o do Cabo e o do Meio. O aqueduto só foi construído em 1573.

A Lagoa de Óbidos é o que resta de um braço de mar que em tempos muito remotos chegava junto da vila, através dos campos hoje conhecidos por Várzea da Rainha, e até próximo das Caldas da Rainha, pelo prolongamento do Braço da Barrosa, como se pode verificar pela planta da figura 25.

Consta-se que a lagoa já se chamou Lagoa do Arelho, derivando também daí o nome da Foz do Arelho.

A famosa pintora Josefa d'Óbidos é filha de Baltazar Gomes Figueira, natural desta vila, e que foi pintor de pouca fama. Este pintor viveu em Sevilha, onde casou e aí nasceu a sua filha Josefa Ayala, seu verdadeiro nome. Veio a falecer nesta vila e foi sepultada na igreja de S. Pedro.

O concelho é constituído por nove freguesias, sendo duas da própria vila, S. Maria e S. Pedro. A Igreja Matriz é a igreja de S. Maria, formada por três naves, que possui um cruzeiro de grande valor artístico.

Em 1875, havia no concelho de Óbidos, 11 minas de carvão.

Até 1836, altura em que Caldas da Rainha ascendeu a sede de um concelho com oito freguesias, o concelho de Óbidos incluía as freguesias de Tornada, Coto, Salir do

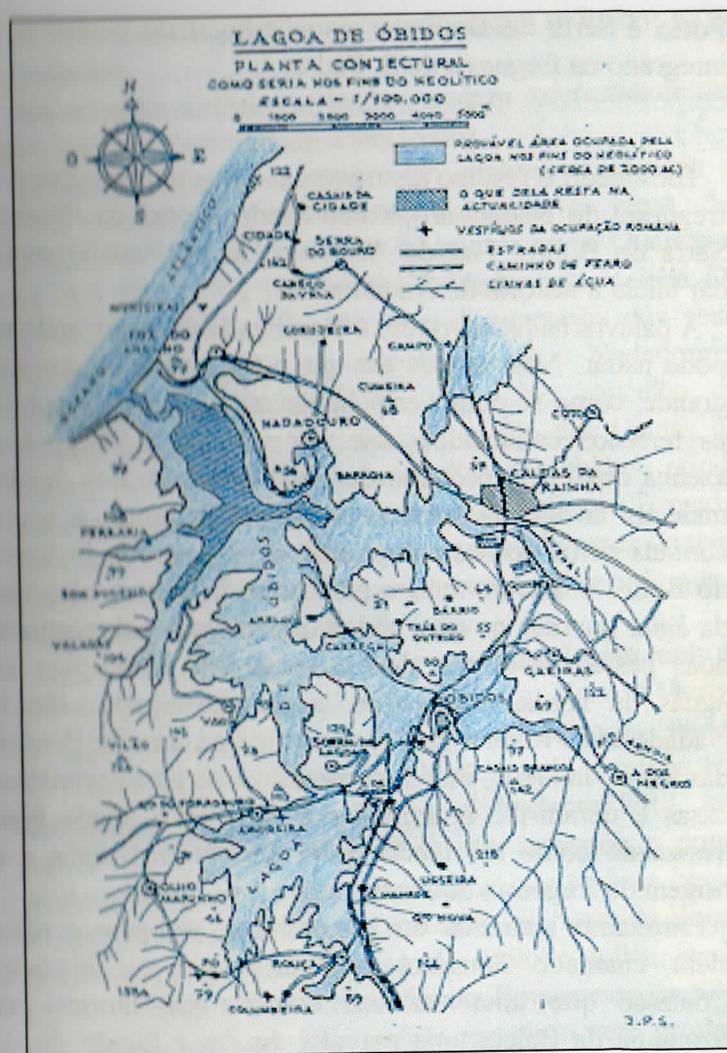


FIGURA - 25 - Planta antiga da Lagoa de Óbidos

Porto e Serra do Bouro, e ainda o lugar do Nadadouro integrado na freguesia de S. Pedro.

Terminado o resumo histórico das áreas que envolvem a freguesia do Nadadouro, como sendo Caldas da Rainha, Serra do Bouro, Foz do Arelho e Óbidos, vamos então dar início à história do Nadadouro.

A palavra nadadouro tem o significado de lugar onde se pode nadar. Nos tempos em que a Lagoa de Óbidos era grande, como se pode ver pela planta da figura 25, cobria os terrenos conhecidos hoje por várzeas, e chegava à azenha dos Félix, próximo do Rio Velho, um dos locais onde as lavadeiras lavavam a roupa. Segundo a lenda contada pelos nossos antepassados, os pastores da Serra do Bouro e outros, tinham por hábito irem para ali junto da água guardar os seus gados, por nesse local existirem boas pastagens, e nos dias quentes iam nadar para as águas da lagoa, começando a chamar àquele sítio o Nadadouro. Próximo dali, mas na encosta fora do alcance das águas da lagoa, teriam começado a surgir as primeiras casas e deram-lhe o nome de Casal Novo, ainda hoje designado como tal, tendo assim aparecido o nome e a origem da freguesia do Nadadouro.

Entretanto apareceu um outro lugar, um pouco mais além, chamado Touguio, também com a sua história. Conta-se que uma vez um homem que morava na Atouguia da Baleia teria matado alguém e fugido de lá, tendo vindo instalar-se naquele local. Devido às suas origens, começou a ser conhecido pelo Touguio, e assim o lugar para onde ele veio morar ficou a chamar-se

Touguio, desconhecendo-se quando é que tudo isto teria acontecido.

No entanto, lendas são lendas, podem ser realidade ou não, embora estas tenham a sua lógica.

O que se conseguiu apurar em análises efectuadas a vários documentos históricos, foi que o lugar do Nadadouro deve ter aparecido há muitos anos. Quando a vila das Caldas da Rainha foi fundada pela Rainha D. Leonor, por volta de 1488, e a demarcação dos seus limites feita em 1490, já deveria existir o Nadadouro, integrado na freguesia de S. Pedro do concelho de Óbidos, pois aparece escrito que a vila das Caldas da Rainha, criada a partir do concelho de Óbidos, aonde pertencia, foi buscar pequenas áreas do Coto, Tornada, Serra do Bouro e Nadadouro, numa área de cerca de meia légua à volta do Hospital. Aqui teremos a prova de que o Nadadouro já existiria antes de 1490.

Quanto ao seu nome, aparece mencionado em mais do que um documento que Nada d'Oiro ou Nada d'Ouro é um lugar da freguesia de S. Pedro no concelho de Óbidos. Na realidade, em Nadadouro, além daquela pequena área das várzeas já mencionada, que é bastante fértil, uma grande parte dos seus terrenos são arenosos e pouco produtivos. Também não se conhece que tenham havido fábricas ou minas, como por exemplo, na Serra do Bouro. Apenas uma pequena fábrica de tijolo e telha, já dos nossos tempos, pertencente à família Bonsucesso da Silva. Ora, como era uma terra pobre, portanto sem produzir riquezas, talvez daí nascesse o nome de Nada d'Oiro ou Nada d'Ouro, e mais tarde, Nadadouro.

Consta-se que D. Sebastião, quando veio a Óbidos, ter-se-ia deslocado à lagoa, onde pescou, e teria nessa altura mandado construir um cais no Braço da Barrosa, o Cais da Rainha, cais de terra do qual restam ainda alguns vestígios. Desconhece-se se este nome já teria vindo do tempo de D. Catarina, sua avó, viúva de D. João III e dona da Várzea da Rainha.

Posteriormente, vários reis, como D. João IV, D. José e D. Maria I, por aqui andaram em digressão recreativa em tempo de férias ou descanso. D. Carlos I também vinha frequentemente pescar e caçar à lagoa. A Família Real embarcava no Cais da Rainha.

Como já foi mencionado atrás, o Nadadouro pertenceu à freguesia de S. Pedro do concelho de Óbidos, antes de ser integrado na freguesia da Serra do Bouro. Segundo consta numa publicação da Câmara Municipal de Caldas da Rainha, denominada "Terra de Águas", essa transferência teria acontecido quando a freguesia de Serra do Bouro deixou de pertencer ao concelho de S. Martinho do Porto, em 1855, por este se ter extinguido, tendo passado para o concelho de Caldas da Rainha. No entanto, tenho algumas dúvidas, pois na Corografia Moderna do Reino de Portugal, de 1876, lê-se que a Serra do Bouro pertence ao concelho de Caldas da Rainha e é constituída por Cidade, Casais do Celão, Casais dos Antunes, Cabeço da Vela, Casais da Boavista, Foz do Arelho, Zambujeiro e Quinta da Granja, não estando incluído o lugar do Nadadouro. No mesmo documento, no que respeita à freguesia de S. Pedro do concelho de Óbidos aparece Nada d'Ouro ou Nadadouro

nela incluído. Só mais tarde, na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira é que se encontra na constituição da freguesia de Serra do Bouro, além de outros, os lugares de Casal Novo, Nadadouro e Touguio. Portanto, aqui fica a dúvida se o Nadadouro teria passado para a freguesia da Serra do Bouro em 1855 ou se teria sido mais tarde, na reforma administrativa de 1898, quando ficaram definidas até hoje, as fronteiras do concelho de Caldas da Rainha.



FIGURA - 26 - Igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso

Todos os anos, a população do Nadadouro dirigia-se à Quinta do Bom Sucesso, freguesia do Vau, concelho de Óbidos, em romagem à ermida da Nossa Senhora do Bom Sucesso, em agradecimento pelos muitos milagres e benefícios que lhes eram concedidos, levando o “Círio do Nadadouro”.

Em 1856 foi construída uma capela no lugar do Nadadouro, tendo sido adoptada como padroeira, Nossa Senhora do Bom Sucesso, passando a ser realizada a festividade anual no mesmo dia em que iam com o Círio à Quinta do Bom Sucesso. Essa festividade realiza-se actualmente no último domingo de Julho. É de carácter religioso e recreativo, iniciando-se com a celebração da eucaristia e procissão, a lembrar as antigas romagens à ermida da Senhora do Bom Sucesso.



FIGURA - 27 - Coreto

No Largo da Igreja, onde prosseguem as festividades com alegre arraial após a procissão, existe o coreto, de construção antiga, mas que tem sido sujeito a algumas remodelações.

Antes da construção da capela, e de ter sido adoptada como padroeira, Nossa Senhora do Bonsucesso, como o Nadadouro pertencia ao concelho de Óbidos, tinha por Orago ou padroeira, Santa Maria.



FIGURA - 28 - Escola Primária do Nadadouro

O edifício da escola primária foi mais um dos da série mandados construir pelo benemérito Francisco de Almeida Grandela.

Como já foi dito, este homem passou os últimos anos de vida no seu palacete na Foz do Arelho. Republicano convicto, interessou-se muito por esta região, e mesmo antes de mandar construir as escolas, conseguiu que

fossem enviados professores para a Foz do Arelho, Serra do Bouro e Nadadouro, com o objectivo de ensinar todas as pessoas a ler e escrever. No Nadadouro esteve em 1906 a professora D. Maria Pamplona.

A Escola Primária do Nadadouro foi inaugurada em 13 de Outubro de 1910, à qual foi dado o nome de França Borges, em homenagem a este jornalista republicano e grande amigo de Francisco Grandela, tendo ficado a sua fotografia montada num painel de azulejos na fachada do edifício.

O jornal da época "Círculo das Caldas", deu grande relevo a este acontecimento. Diz este jornal, que para tomar parte neste festival, vieram de Lisboa 19 automóveis com todo o pessoal da Casa Grandela, sendo seguidos por uns outros que ainda os alcançaram a meio do caminho e que transportavam os senhores doutores Afonso Costa, Germano Martins, Artur Costa, França Borges e Urbano Rodrigues.

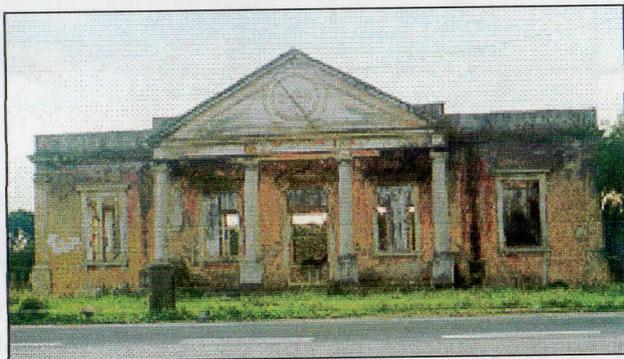


FIGURA - 29 - Ruínas da Escola de Tagarro

Esta data da inauguração da escola do Nadadouro suscita algumas dúvidas, porque na publicação de onde foram retirados estes elementos, "Grandela e a Foz do Arelho", aparece mais adiante em cronologia, a inauguração da escola do Nadadouro em 13 de Outubro de 1912, sendo no entanto a data mais provável, a de 1910.

São 6 as escolas conhecidas que foram mandadas construir por Almeida Grandela. A primeira, como já foi referido, na sua terra natal e que levou o nome de seu pai. A segunda foi em Benfica, com o nome de Afonso Costa.



FIGURA - 30 - Fonte da Bica

A terceira e quarta, que parece terem sido inauguradas no mesmo dia, foram as de Tagarro e Foz do Arelho, com os nomes respectivos de José Augusto da Cunha e Bernardino Machado

A escola de Tagarro, na freguesia de Alcoentre, encontra-se em ruínas, como se pode verificar pela figura 29. A seguir e provavelmente inaugurada no mesmo ano, foi a escola do Nadadouro, a que já foi feita referência, e por fim, em 1918 surgiu a escola de Lameira de S. Pedro na freguesia do Luso, concelho da Mealhada.



FIGURA - 31 - Poço da Bomba

A Fonte da Bica foi uma das principais fontes de abastecimento de água à população. Construída em 1906, foi depois restaurada em 1940. É um recanto de inegável beleza e tranquilidade. Além da Fonte da Bica, há também a Fonte do Moinho Novo, noutra local um pouco afastado, com água igualmente de excelente qualidade.

Existia ainda a Fonte do Chafurdo, no Casal Novo, e mais tarde, foi construído um poço público com uma bomba manual, denominado por “Poço da Bomba”, mas

esta água já não é de tão boa qualidade.

Entretanto, a população foi crescendo e um grupo de homens constituído por António Bonsucesso da Silva, António Félix Gonçalo, António Joaquim Pereira, António Maria Rodrigues, Joaquim José Gonçalo, José Gonçalo e Mário Pereira, indicados por ordem alfabética, dos quais apenas António Joaquim Pereira e Mário Pereira se encontram vivos, começaram a trabalhar no sentido de criar uma nova freguesia no Nadadouro. Construiu-se uma residência paroquial e uma torre na capela, com ajuda de todas as pessoas da terra e o auxílio da Câmara Municipal de Caldas da Rainha, requisitos necessários para que fosse possível criar a nova freguesia.



FIGURA - 32 - Casa Paroquial

A freguesia da Serra do Bouro, que já tinha ficado sem a Foz do Arelho, que se constituiu em freguesia em 1919,

assistia agora à possibilidade de perder o Nadadouro e ficar assim com a sua população e área bastante mais reduzidas. Durante alguns anos, este corajoso grupo de homens enfrentou várias dificuldades, mas não desistiu, e em 19 de Dezembro de 1957 viu o seu sonho realizado,

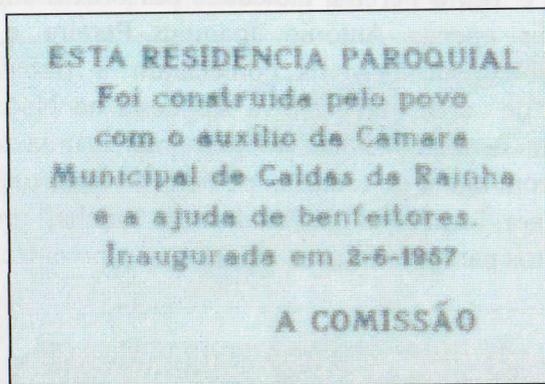


FIGURA - 33 - Placa inaugural

pois nesta data foi criada a nova freguesia do Nadadouro, pelo Decreto-Lei 41453, constituída pelos lugares do Nadadouro, Casal Novo e Touguio, que deixaram de pertencer à freguesia da Serra do Bouro. Assumiu a presidência da Junta da Freguesia, Mário Pereira, o mais jovem do grupo mas um pouco mais letrado do que os outros, mantendo-se nessas funções até à data da Revolução de 25 de Abril de 1974.

De notar que, tanto na “Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura”, como no “Novo Dicionário Corográfico de Portugal”, aparece a freguesia do Nadadouro como tendo sido criada em 21 de Dezembro de 1957.

Pouco tempo depois de ter sido criada a freguesia, foi instalada a rede de energia eléctrica, e um pouco mais tarde, a rede de distribuição de água ao domicílio. A rede de esgotos foi implantada bastante mais tarde, já a meado dos anos 90.

Depois do 25 de Abril e até às eleições autárquicas de 1976, a presidência da Junta da Freguesia foi assumida interinamente por Diamantino Gesteiro, já falecido.

O primeiro presidente da Junta eleito depois do 25 de Abril, foi Ataliba Julião, para um mandato de 3 anos. Nas segundas eleições, em 1979, foi eleito para presidente da Junta, António Roberto, que ao fim de algum tempo pediu demissão do cargo, tendo esse lugar sido ocupado por José Ventura Miguel.

Em 1982 houve novas eleições, nas quais foi eleito César Dimas Pereira, filho do antigo presidente da Junta, Mário Pereira, que cumpriu 3 mandatos seguidos, um de 3 anos e dois de 4.

Nas eleições de 1993, agora com mandatos de 4 anos, foi eleito para presidente da Junta da Freguesia, o Capitão da Força Aérea, Alberto Oliveira Frazão, na situação de Reserva. Ao fim de alguns meses pediu demissão do cargo por motivos de saúde. Mais tarde veio a falecer vítima de doença incurável. Foi uma grande perda para a terra, o desaparecimento deste Homem do mundo dos vivos, pois era incansável na participação de todos os acontecimentos que contribuíssem para o engrandecimento da sua terra. Presto-lhe aqui a minha homenagem e admiração. Que a sua alma descanse em paz.

Assumiu as funções de presidente da Junta, o número dois da lista eleita, Francisco Gonçalo Daniel. Em 1997,

Francisco Daniel concorreu à presidência da Junta, e foi eleito para mais um mandato à frente dos destinos da freguesia do Nadadouro, cargo que ocupa presentemente.

Os habitantes do Nadadouro são pessoas alegres e simpáticas, que devido à sua tenacidade, improviso e imaginação, muito têm contribuído para o desenvolvimento da freguesia. As pessoas dedicavam-se a tudo um pouco. Foi terra de lavadeiras, e ainda hoje restam algumas para testemunhar a profissão a que se dedicaram muitas das suas habitantes.

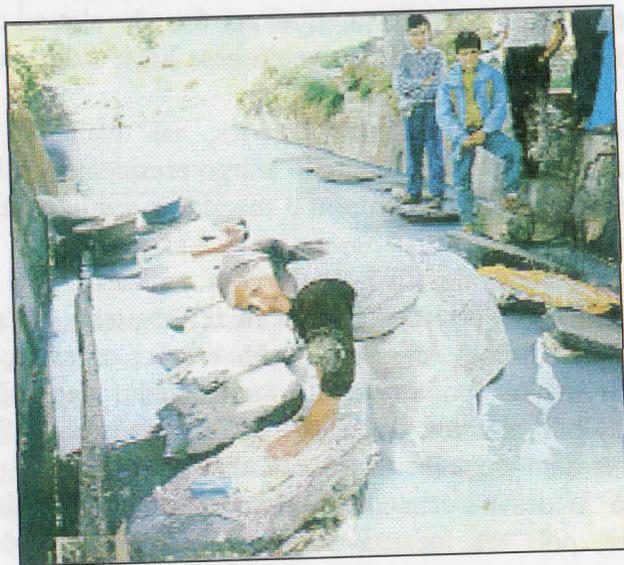


FIGURA - 34 - Lavadeira mais antiga do Nadadouro

O rio era o fulcro da actividade feminina, onde o bater da roupa era acompanhado por alegres cantares para

aliviar a fadiga. Era frequente ver-se roupa a corar ou a secar entre os pinhais, nas sebes que ladeiam as veredas, ou em grandes enxugadouros. As clientes desta actividade situavam-se nas Caldas da Rainha e em S. Martinho do Porto, especialmente no verão. A roupa era transportada em burros e mais tarde em autocarros da Empresa de Transportes Capristano, depois comprada pela Empresa Claras, antes de ser nacionalizada após o 25 de Abril de 1974.

A maior parte dos terrenos pertencentes a esta freguesia são arenosos e pouco produtivos, mas antes de Abril de 74 eram poucas as fábricas onde as pessoas pudessem ocupar a sua actividade, não tendo portanto um emprego com trabalho certo. Por isso, mesmo com pouco rendimento, dedicavam-se à agricultura, e no inverno, à pesca na Lagoa de Óbidos, alternadamente.



FIGURA - 35 - Faina de pesca na Lagoa de Óbidos

Era frequente homens andarem à pesca na lagoa durante a noite, e de dia irem trabalhar na agricultura por conta de outra pessoa, para assim poderem ganhar mais algum dinheiro para o sustento da sua família.

Nadadouro também teve os seus heróis. Na Primeira Grande Guerra de 1914-1918, participaram vários militares desta terra, que combateram em França, mas que felizmente, regressaram todos vivos, embora alguns deles, com a sua saúde bastante afectada. Como é sabido, na Segunda Grande Guerra, Portugal não participou, mas, a partir de 1961, com a tomada de Goa, Damão e Diu pelo governo indiano, aonde foram feitos prisioneiros dois militares da terra, António Sabino e Avelino do Rosário Duarte, este último já falecido, iniciou-se a revolta dos Grupos de Libertação das várias Colónias Ultramarinas, especialmente, Angola, Guiné e Moçambique, envolvendo Portugal numa luta fratricida durante mais de uma década, onde muitos jovens perderam a vida e outros ficaram estropiados.

Aqui também o Nadadouro participa com os seus heróis, mas desta vez nem todos regressam com vida. Em 7 de Julho de 1970, na Guiné, José Constantino Gonçalo, foi atingido mortalmente em combate, tendo o seu corpo regressado mais tarde, para ser sepultado no cemitério da terra. Esta informação, com o dia e o ano do acontecimento, foi obtida no suplemento do jornal Expresso do dia 30 de Abril de 1994.

As pessoas desta terra são muito simpáticas e acolhedoras. Talvez por isso tanta gente de fora se tem cá instalado, adquirindo terreno e construindo a sua própria habitação, ou comprando habitações já construídas. A

rápida ligação entre Caldas da Rainha e Lisboa através da auto-estrada do oeste, também tem contribuído para que isto aconteça, havendo mesmo pessoas a morar no Nadadouro e irem trabalhar todos os dias para a Capital.

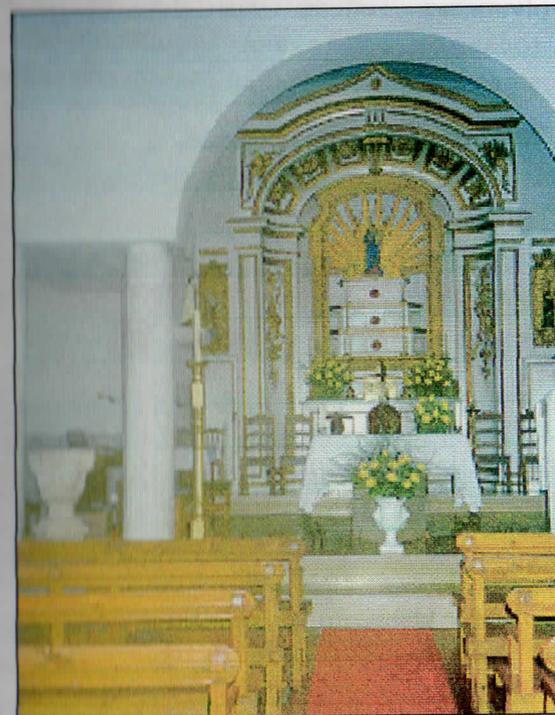


FIGURA - 36 - Interior da Igreja do Nadadouro

A Igreja do Nadadouro é bastante antiga e pequena, tornando-se portanto insuficiente para responder ao aumento demográfico que se verificava. Por isso, em 1988 foi sujeita a uma ampliação interior, sacrificando a

área da sacristia, para aumentar o espaço destinado ao culto. Esta igreja tem um bonito altar em talha dourada e uma belíssima pia baptismal ornamentada.

A freguesia do Nadadouro continua com um apreciável desenvolvimento. Têm-se construindo muitas vivendas, quase todas de certo valor arquitectónico, algumas pertencentes a ingleses que aqui passam o inverno, dada a amenidade do clima.



FIGURA - 37 - Sede da Junta da Freguesia

Além da Escola Primária, já referida atrás, a freguesia possui um Jardim de Infância, criado a 1 de Outubro de 1985, por iniciativa do Presidente da Junta da Freguesia, na altura, César Dimas Pereira, e que funciona provisoriamente numa sala cedida pela Paróquia. Está já planeada há algum tempo a construção de instalações próprias para o Jardim de Infância, num terreno anexo à

sede da Junta da Freguesia, tendo sido iniciada recentemente

O edifício da sede da Junta foi planeado com grande arrojo, coragem e determinação, por César Pereira, durante os seus três mandatos como Presidente da Junta. Foi inaugurado em 29 de Novembro de 1997, pelo Presidente da Câmara das Caldas da Rainha, Dr. Fernando Costa, já com Francisco Daniel à frente dos destinos da Freguesia.

A população do Nadadouro tem um grande carinho pela música tradicional portuguesa. No princípio dos anos 50 já existia um rancho folclórico constituído por adultos.

Nessa altura, um senhor chamado António Cristiano, juntou um grupo de miúdos e começou a trabalhar com eles, criando um rancho folclórico de contradança que viria a substituir o rancho adulto e que teve várias actuações em Caldas da Rainha. Como esse senhor tinha já uma idade avançada, sucedeu-lhe Luciano dos Santos que tomou conta do ensaio do rancho durante alguns anos. Passado algum tempo, esta actividade folclórica esteve um pouco adormecida, para mais tarde recomeçar em força com Luís Manuel Gesteiro, responsável pelos ensaios e ao mesmo tempo participando na música do rancho, a que foi dado o nome de Rancho Folclórico "Esperança na Juventude" do Nadadouro, que canta e dança as canções tradicionais desta terra, não deixando que se percam no tempo. Fazem parte deste Rancho Folclórico um grupo infantil e um grupo sénior, com muitas actuações em vários pontos do país. Presentemente, as pessoas responsáveis pelos ensaios

destes dois grupos de danças, são Maria do Rosário Duarte e Albertina Gonçalo.

Entretanto foi criado um Grupo Desportivo em que a principal actividade era o futebol. Mais tarde, em 1979 foi fundada a Associação Recreativa e Cultural do Nadadouro que englobou o desporto e o folclore, tendo sido Luís Manuel Gesteiro o primeiro presidente a assinar as actas da Associação que começou por funcionar dentro do coreto.

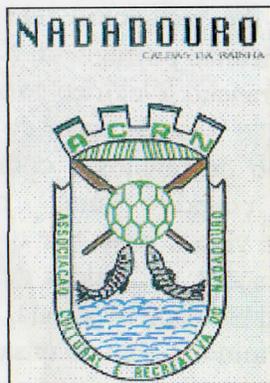


FIGURA - 38 - Emblema da Associação

Este movimento cultural não mais parou. Em seguida foram utilizadas instalações provisórias para a sua sede, num edificio cedido por António Antunes, mas logo se pensou em construir uma sede própria e umas instalações gimnodesportivas. O que parecia ser um sonho no início, passou a ser realidade. Com muito empenho e determinação, as várias direcções sucessivas, conseguiram à custa de bastante trabalho e teimosia, encontrar local

para as instalações e arrancar com os trabalhos de construção. A sede foi inaugurada em 10 de Junho de 2000, e as instalações gimnodesportivas encontram-se em fase de acabamento, quase a poder serem inauguradas.



FIGURA - 39 - Pavilhão Gimnodesportivo

Além destas instalações, existe um campo de futebol, onde as camadas mais jovens do Nadadouro e também de lugares vizinhos, praticam este desporto, integradas em três escalões federados que são, 19 atletas no escalão de juvenis, 19 no escalão de iniciados e 16 no escalão de infantis sub 11. Neste momento, a Direcção é presidida por Artur Pereira, coadjuvado pela Sílvia Santo na secretaria e Pedro Gonçalves na tesouraria. Na parte desportiva, tem como coordenador técnico o Prof. Chaleira Damas, coordenador administrativo, Virgílio Jacinto, e massagista, António Pedrógão. Tem ainda como directores desportivos, José Salsinha, Virgílio Loureiro, Victor Pereira e Salvador Morgado. As equipas de futebol são treinadas no escalão de juvenis, pelo Prof.

Chaleira, no escalão de iniciados por João Pedras e no escalão de infantis sub 11, pelo Virgílio Jacinto.

De notar, que todo este pessoal trabalha sem qualquer remuneração, portanto, apenas com a vontade de



FIGURA - 40 - Sede da Associação

engrandecer a terra. No entanto, é preciso ter em conta que um empreendimento desta natureza, mesmo sem remuneração para o pessoal, necessita de uma boa receita para a sua manutenção. As pessoas da terra precisam de compreender isso e aderir, inscrevendo-se como associados, para que a Direcção possa levar a bom porto esta grande nau em que está navegando.

Como já foi referido, no 10 de Junho de 2000 foi inaugurada a Sede da Associação, com serviço de bar, jogos e televisão, onde os associados podem passar algumas horas de lazer.

Nadadouro continua a crescer a bom ritmo, com novas urbanizações e novas construções, espalhando-se quase por toda a área dentro dos limites da freguesia. Também o sector público tenta acompanhar este ritmo, investindo em novas infra-estruturas. Já com Francisco Daniel na presidência da Junta da Freguesia, foi ampliado o cemitério e inaugurada esta ampliação em 10 de Junho de 1999. O primeiro corpo a ser lá sepultado foi Armindo Ventura Miguel. Paz à sua alma.



FIGURA - 41 - Capela Mortuária em construção

Está em construção e já em fase de acabamento, uma Capela Mortuária, conforme se pode verificar pela figura 41. Esta obra também é de grande importância para a terra, pois evita que as pessoas falecidas sejam veladas nas Caldas da Rainha, como tem sido até aqui.

Também têm sido reparadas algumas estradas e ruas da freguesia, e está em vias de ampliação a rede de esgotos já existente.

Recentemente, como já foi referido atrás, foi dado início à construção do edifício onde irá funcionar o Jardim de Infância, uma velha aspiração das pessoas da terra.

E assim dou por terminado este trabalho, desejando que todas as forças vivas da terra continuem empenhadas no seu progresso e no bem-estar da sua população.

Quero ainda prestar a minha homenagem e admiração a todas as pessoas que de uma maneira ou outra e desinteressadamente contribuíram para o engrandecimento e progresso desta terra e melhorar as condições de vida dos seus habitantes. A todos eles, referenciados ou não neste trabalho, desejo que tudo de bom lhes aconteça na vida. Aos já falecidos, que descansem em paz.

#### BIBLIOGRAFIA:

- *Portugal Antigo e Moderno*
- *Corografia Moderna do Reino de Portugal*
- *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*
- *Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular*
- *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*
- *O Aldeão nº 3 de Março de 86*
- *Terra de Águas* - da Câmara Municipal de Caldas da Rainha
- *Informação turística* - de Caldas da Rainha
- *Um pouco da sua história* - Nadadouro
- *Suplemento do Jornal Expresso* de 30 de Abril de 1994
- *Gazeta das Caldas* de 17/12/99
- *Grandela e a Foz do Arelho*

